

INTERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E EDUCADORES DE CRECHE:

Aluna: Nathalia da Motta Xavier (IC/Faperj)

Orientadora: Zena Eisenberg

Introdução

A interação entre crianças de 4 anos se dá das formas mais diversas. Apresentam formas verbais e não verbais de se expressarem e estratégias de interação na fala, porém é comum a mediação de um adulto para que os turnos de fala não fiquem sobrepostos de maneira que dificulte a compreensão na conversa. Ademais, como se dá a interação na fala entre crianças e adultos? Quais os recursos utilizados por crianças para se expressarem além do verbal? Como são organizados os turnos de fala entre as crianças e os educadores? Como o ouvinte administra os turnos de fala dos outros falantes? E a sequência da conversa? O trabalho proposto aqui é parte de um projeto maior desenvolvido na Creche Institucional Dr. Paulo Niemeyer, do município do Rio de Janeiro, realizado pelo Grupo de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Educação, coordenado pela professora Zena Eisenberg. A base teórica utilizada vem de Philips e Bateson (1973), Gago (2002), Elinor Ochs (1988) e Goffman (1974).

Objetivo

O objetivo do trabalho é responder à hipótese de que para as crianças, o mundo da fantasia e brincadeira é uma forma de maior liberdade de expressão para a interação, tanto entre elas quanto com os adultos, demonstrar as estratégias verbais e não-verbais utilizadas pelas crianças, apresentar as estratégias utilizadas pelos educadores para mediação das conversas entre crianças e analisar como as crianças aprendem estas estratégias, utilizando algumas delas no dia-a-dia.

Metodologia

Participaram da pesquisa 18 (dezoito) crianças de 4 (quatro) anos e seus 5 (cinco) educadores. As observações foram feitas no período de setembro a novembro de 2009, às quartas e sextas-feiras sendo, respectivamente, de 12 às 18 horas e de 09 às 13 horas, totalizando 90 horas de observação em campo. As observações foram registradas num diário de bordo e em duas gravações em áudio que foram depois transcritas.

Os pontos principais abordados nas análises foram: *enquadres* (RIBEIRO e PEREIRA), interação na fala entre crianças e adultos, turnos de fala, sequência da conversa (RIBEIRO e GARCEZ), estratégias de mediação na conversa e estratégias verbais e não-verbais utilizadas pelas crianças. As análises tinham como intuito averiguar como se estabeleciam as conversas entre as crianças e entre o adulto e a criança, como é feita a mediação nas interações e quais as formas de ter a atenção do grupo infantil.

Conclusões

As análises realizadas indicam que, para uma aceitação e interação maior com as atividades por parte das crianças, o mundo da fantasia e brincadeira auxilia bastante, sendo um ótimo artifício a ser utilizado pelos educadores.

As estratégias verbais, utilizadas pelas crianças e pelos educadores e adotadas pelas crianças no dia-a-dia, funcionam como uma mediação tanto entre o adulto e a criança, quanto

entre as próprias crianças. Além disso, outras formas de expressão encontradas na linguagem infantil seriam as estratégias não verbais, como por exemplo o choro. E, no campo da narrativa, o gesto com as mãos ou com o próprio corpo.

As hipóteses de que as crianças atuam mais livres no campo situacional, as estratégias de ordenação da fala, seja como mediador ou na organização da sequência da própria fala, tiveram muitas ocorrências e resultados satisfatórios. Já as discordâncias com os autores sobre algumas características da conversa demonstram também que o campo infantil traz diferenças de interação das demais idades podendo ser mais aberta ou fechada dependendo das estratégias utilizadas: (1) *Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.* Nesse caso, a fala só ocorre de forma ordenada, “um de cada vez”, com a mediação do adulto, ou, quando uma criança, liderando uma conversa entre os amigos, utiliza de estratégias usadas pelos adultos. (2) *Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.* Nas análises, a organização da fala é muito pouco frequente, portanto não serão breves, caso não forem mediadas. (3) *São comuns as transições de um turno para outro sem que haja intervalo ou sobreposição. Juntamente com as transições caracterizadas por intervalos curtos ou sobreposições breves, essas constituem a grande maioria das transições.* Não foi o caso, são muito comuns as sobreposições de fala com as crianças.

Outro fator que se mostrou relevante foi a mediação nas conversas, porque as crianças apresentaram muita ansiedade nos turnos de fala, o que explica as sobreposições, sendo necessária a intervenção de alguém, seja um adulto ou, até mesmo, uma criança. Isto parece corroborar que é deste modo que as crianças aprendem as estratégias que são utilizadas com elas mesmas e utilizam-nas.

O trabalho contribui para outro modo de ver a interação das crianças e do adulto-criança, que existe muito mais do que uma brincadeira quando um educador planeja uma atividade a ser dada em sala de aula que dela poderemos buscar riquezas de linguagem e sociointeração. Argumentamos que um choro não é apenas um ato para chamar a atenção da educadora, mas sim uma estratégia discursiva. A criança, não apenas o recém-nascido, é um ser rico de significados que nos devolve o mundo da sua forma particular. Por isso, o universo infantil deve ser atentamente estudado em diversos campos: linguística, psicologia, educação e ciências entre outras.

Referências

1. BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia . In Ribeiro, B. T. e Garcez, P. M.(Orgs) Sociolinguística interacional, (p. 85-105).
2. GAGO, Paulo Cortes. Questões de transcrição na Análise da Conversa. VEREDAS – Rev. Est. Ling Juiz de Fora, V. 6, n.2, p. 89-113, jul/dez. 2002
3. GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience.* (New York: Harper and Row, 1974); 600p.
4. OCHS, Elinor,. Culture and language development : language acquisition and language socialization in a Samoan village /. Cambridge : Cambridge Univ., c1988. 255p. : ((Studies in the social and cultural foundation of language ; n.6)
5. PHILIPS, Susan U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In Ribeiro, B. T. e GARCEZ, P. M.(Orgs) Sociolinguística interacional, (p. 21-44)
6. RIBEIRO, B. T e PEREIRA, M. G. Dias. A noção de contexto na análise do discurso. VEREDAS - Rev. Est. Ling Juiz de Fora, V. 6, n.2, p. 49-67, jul/dez. 2002